



SILVA, Camila Sousa da¹

A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E OS NOVOS DESAFIOS À EDUCAÇÃO: construindo o mundo comum.

Resumo: O presente trabalho visa refletir sobre o papel da educação para a constituição do mundo comum. Por meio do entendimento deste termo e da necessidade de que os envolvidos no processo de formação estejam cientes que a responsabilidade que assumem não é somente para com os alunos. O compromisso vai além dos envolvidos com o sistema educacional, é com o mundo, com o futuro, com a vida. O debate proposto parte do questionamento *Afinal, por que educar?* Enfatizando, neste sentido, a missão (uma das tarefas) do professor. Utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica em teóricos da educação que discorrem sobre o porquê de educar. Relaciona as novas demandas que a sociedade contemporânea impõe sobre a educação, no sentido da construção de uma comunidade mais justa e de uma cultura que seja válida para todos. Este estudo leva à compreensão de que a educação por si só não consegue resolver todos os problemas que se apresentam, mas pode pensar em novos caminhos que propiciem a compreensão entre o *eu* e o *outro*. É possível identificar que novas posturas podem ser adotadas de modo a tornar mais ampla a interpretação e o ponto de visão dos alunos. Deixar de lado a visão linear e simplificada com que fomos habituados a perceber a realidade é um passo a ser dado para que a aprendizagem não se faça desligada das questões humanas. Propõe-se uma reforma no pensamento, na maneira de perceber a realidade, as situações, a vida. Possibilita o entendimento de que o homem é uma totalidade complexa, em que não se pode ter uma interpretação fiel, sendo analisada de maneira separada e fragmentada, como estamos habituados.

Palavras-chave: Educação; mundo-comum; compreensão; professor.

Abstract: This paper aims to reflect on the role of education in the constitution of the common world. Through the understanding of this term and the need for those involved in the training process to be aware that the responsibility they assume is not only for the students. The commitment goes beyond those involved with the educational system, it is with the world, with the future, with life. The proposed debate starts from the questioning, *Why educate?* Emphasizing, in this sense, the mission (one of the tasks) of the teacher. It uses as a methodology the bibliographical research in education theorists that talk about the reason of educating. It relates the new demands that contemporary society imposes on education, in the sense of building a more just community and a culture that is valid for all. This study leads to the realization that education alone can not solve all the problems that arise, but it can think of new ways of understanding one another. It is possible to identify which new postures can be adopted in order to broaden the interpretation and point of view of the students. Leaving aside the linear and simplified view with which we were accustomed to perceiving reality is a step to be taken so that learning does not become disconnected from human issues. It proposes a reform in the thought, in the way of perceiving the reality, the situations, the life. It makes possible the understanding that man is a complex totality, in which one can not have a faithful interpretation, being analyzed in a separate and fragmented way, as we are accustomed.

Keywords: Education; Common-world; understanding; teacher.

¹Professora titular na Unibalsas. Mestra em Educação nas Ciências – Unijuí; Especialista em Gestão Estratégica de Negócios (LFG) e Gestão Financeira e Controladoria (Unibalsas); Graduada em Gestão Comercial (Unibalsas) e Licenciada em Letras (UEMA).

1. INTRODUÇÃO

Compreender o motivo pelo qual é necessário educar as pessoas representa uma base para todo o conhecimento que se busca construir, bem como é fundamental para o professor no exercício de sua profissão. O questionamento *Afinal, por que educar?* incitou inúmeros debates e percepções sobre a responsabilidade que assumem aqueles que se propõem à tarefa de educar, sejam professores, pais, enfim, adultos que se colocam no mundo à disposição de contribuir para a constituição das novas gerações.

Neste sentido, este artigo tem o objetivo de provocar os professores a repensar a missão que assumem ao entrar em uma sala de aula, promovendo uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, que, repleta de características marcantes, acrescenta à educação, em qualquer nível, novas demandas e reclama dos envolvidos novas posturas e abordagens que possam contribuir para melhor atender aos anseios da sociedade.

Na tentativa de responder à questão, o primeiro grande esclarecimento, algo que já parece posto, mas que talvez nem todos ainda se colocaram a pensar, é que a espécie humana é a única que, a partir do momento da inserção no processo de civilização, e por meio dele, forma o que é denominado mundo comum. Estabelece-se assim a premissa de que a educação existe para que esse mundo comum seja possível e que nele possamos ter o mínimo de razoabilidade necessária para sua perpetuação, para que os princípios, os valores, os costumes, enfim a civilização construída não sejam anulados a cada nova geração.

2. A EDUCAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE CONSTRUÇÃO DO MUNDO COMUM

A educação como processo que se responsabiliza pela continuidade da vida, pela conservação e renovação, considera que, cada novo homem a ser educado entra em um mundo que já existe e que vai permanecer mesmo depois que este não estiver mais aqui. Isto reclama à educa-

ção pela conservação à tradição, que é aquilo que deve permanecer de tudo o que passou. Esta é a ideia de educação para o mundo comum, conforme definido por Arendt (2002, p.65),

o mundo comum é aquilo que adentramos ao nascer e que deixamos para trás quando morremos. Transcende a duração de nossa vida, tanto no passado quanto no futuro: preexistia à nossa chegada e sobreviverá à nossa breve permanência. É isto o que temos em comum, não só com aqueles que vivem conosco, mas também com aqueles que aqui estiveram antes e aqueles que virão depois de nós.

Dessa forma, assumir a função pedagógica implica aceitar para si a responsabilidade pelo futuro desse nosso mundo comum, um mundo que se renova e se reproduz a cada nova geração e por isso requer um trabalho árduo de quem assume esta responsabilidade. Esta ação é determinante na inserção do ser neste mundo que é um artifício, não é algo natural inscrito no sujeito desde o seu nascimento. O educar já pressupõe acreditar que este mundo comum é possível e que nele é possível também deixar o melhor e passar o melhor para as novas gerações.

Esta consciência suscita a necessidade de que as pessoas sejam educadas e direcionadas a agir em nome da coletividade em vez de firmar-se em ações individualizadas. Estas ações individualizadas supõem que o mundo seja apenas seu e que as consequências de suas escolhas e decisões apenas atingem o seu contexto, não levando em consideração todas as dimensões que podem ser afetadas.

Quem abraça a missão da docência educa com base naquilo que conseguiu absorver das gerações passadas, ou seja, é como contar às novas gerações o que de melhor foi contado pelas que vieram antes de nós, assim a sustentação da docência é a nossa história de mundo, a nossa experiência. Os pais, os professores, educadores em geral exercem esta tarefa à luz do que acreditam ser o melhor para os filhos, os alunos, enfim aqueles que serão educados. E este processo se faz constante porque a humanidade do ser nunca se dá por completo, ou seja, somos uma espécie que inventou seu próprio mundo e está conde-

nada a continuar se reinventando até os últimos dias. Assim apresenta Brandão:

Se somos mais iguais do que imaginamos em quase tudo aos outros seres vivos com quem compartilhamos a Terra, somos diferentes em uma outra coisa: eles vivem no mundo de natureza em que lhes é dado o viver. Nós precisamos criar e recriar o nosso. Eles adaptam o corpo e os sistemas de vida ao ambiente onde vivem, enquanto vivem. Nós precisamos transformar o nosso ambiente natural e, depois, até mesmo a nós próprios, porque somos lentos em adaptar o corpo e a vida aos padrões da Natureza (BRANDÃO, 2002, p.20).

Esta ideia pode ser ilustrada pelo que apresenta Paulo Freire (2014, p. 57), “é na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados”. O autor ainda afirma que “não foi a educação que fez mulheres e homens educáveis, mas a consciência de sua inconclusão é que gerou sua educabilidade” (FREIRE, 2014, p. 57). O ser humano é como uma ferida aberta que não sara, precisa estar constantemente criando novos caminhos, novas possibilidades.

Na mesma linha de pensamento, Savater afirma que “os outros seres vivos já nascem sendo o que definitivamente são, o que não de ser irremediavelmente, aconteça o que acontecer, ao passo que de nós, humanos, o que parece mais prudente dizer é que nascemos *para* a humanidade” (SAVATER, 2012, p. 24). Este processo de humanização é a responsabilidade assumida pela educação, em que seus mediadores escolhem o melhor do que lhes foi ensinado e construído, e a partir disto, contribuem para a constituição dos novos humanos por meio do processo de ensino. Faz-se necessário que a aprendizagem seja constantemente atualizada, pois como a própria sociedade está em constante processo de mutação, os seres que a constituem e que por ela são constituídos necessitam acompanhar estas mudanças para que não fiquem à margem do processo. Assim, Tedesco (2006, p. 38) afirma que “será necessário educar-se ao longo de toda a vida para poder adaptar-se às solicitações modificadoras

do desempenho social e produtivo”.

Savater (2012) destaca o ser humano como único capaz de constatar a própria ignorância, outro aspecto que o diferencia das demais espécies, “os membros da sociedade humana não só sabem o que sabem, eles também percebem e perseguem corrigir a ignorância dos que ainda não sabem ou de quem acreditam que sabe algo erroneamente” (SAVATER, 2012, p. 28). Dessa forma, o que habilita alguém a ensinar algo ao outro é o que o mesmo autor chama de *veteranice*, que significa dizer que tem uma experiência maior naquele assunto, naquela disciplina, que o permita traduzir em uma linguagem mais clara para o outro aquilo que ele sabe.

No entanto, é elementar que os professores tenham consciência de serem inacabados, de que o ensino de cada conteúdo não se dá *de vez*, por meio de um método rígido e único, de forma imutável, mas que assim como a humanidade está se fazendo e refazendo continuamente, esta dinâmica é que possibilita o aprender. Para Freire (2014, p. 57) “este é um saber fundante da nossa prática educativa, da formação docente, o da nossa inconclusão assumida”. Assim, educadores e educandos, conscientes de seu estado inacabado serão capazes de melhor professar seu aprendizado visto que ambos se tornam sujeitos do processo.

Dessa forma, considerar e visualizar nas incertezas as oportunidades e possibilidades a serem propiciadas por meio de uma educação mais ampla e que facilite um pensar crítico-reflexivo. Conforme destaca Bauman (2001, p.74),

viver num mundo cheio de oportunidades – cada uma mais apetitosa e atraente que a anterior, cada uma ‘compensando a anterior, e preparando o terreno para a mudança para a seguinte’ – é uma experiência divertida. Nesse mundo poucas coisas são predeterminadas, e menos ainda irrevogáveis. Poucas derrotas são definitivas, pouquíssimos contratempos, irreversíveis; mas nenhuma vitória é tampouco final.

Esta característica de incompletude do mundo humano é que nos faz também perceber a necessidade das mudanças. Como na educação, com o passar dos tempos, mudam-se os paradig-

mas (modos de operar da razão), mudam-se os métodos, conceitos e fórmulas para construção do conhecimento. Visto que apenas os humanos têm um mundo, pois até ele mesmo é uma criação cultural, um conceito desenvolvido pelo processo de civilização, este mundo envolve três dimensões, que o constituem e determinam e que vão mudando a cada nova geração.

Primeiro, o mundo objetivo, onde são analisados nossos padrões de interação com o meio natural; segundo, o mundo social, onde são analisados os padrões de interação com os outros; terceiro, o mundo subjetivo, aquele que determina nossa personalidade e nossa identidade. Dessa forma, cultura, sociedade e sujeito vão sendo modificados a partir dos padrões de interações desenvolvidos e a educação busca ser a mediadora do desenvolvimento da razão do homem no que se refere a estas relações. Ou seja, o homem está tão mais longe do seu estado natural, quanto mais agir baseado na razão no que se refere à natureza, aos outros e a si mesmo.

A educação tem seu sentido, então, a partir da constituição do *eu*, para que haja um consenso na relação *eu* e os *outros*, e esta relação tem como critério a objetividade, ou seja, busca-se no processo o mínimo de razoabilidade. Não há necessidade de haver um processo educativo que não seja fundado em um *nós*. Educar no sentido de civilizar os indivíduos, tornando-os cidadãos presume o entendimento de que “a principal característica da civilidade é a capacidade de interagir com estranhos sem utilizar essa estranheza contra eles e sem pressioná-los a abandoná-la ou a renunciar a alguns dos traços que os fazem estranhos” (BAUMAN, 2001, p.122). Um dos desafios da educação contemporânea é promover a aceitação dos outros, especialmente os estranhos, aqueles que são alheios aos grupos pré-estabelecidos. Savater escreve que

respeitar o próximo que se parece conosco é bastante óbvio, porque de certo modo equivale a respeitar a nós mesmos, uma vez que somos como ele. A coisa começa a complicar quando temos que aceitar o diferente, o estranho ou o estrangeiro, o imigrante. Afinal, nós, seres humanos, somos animais gregários e por isso gostamos

de viver em rebanho, ou seja, entre as pessoas que mais se assemelham a nós. Viver em rebanho é como viver entre espelhos: sempre vemos à nossa volta rostos que refletem os nossos, que falam como nós, que comem os mesmos alimentos, que riem e choram por coisas similares. Mas de repente chega alguém que não pertence ao nosso clã, que tem um cheiro ou uma cor diferente e que soa de outro modo. Então o animal gregário que há dentro de nós se assusta ou desconfia, sente-se em perigo, acha que está sendo ‘invadido’. Em resumo, nos tornamos agressivos e perigosos... (SAVATER, 2004, p.184-185).

Dessa forma espera-se da ação educativa que se faça não apenas pelo conhecimento científico, pelo desenvolvimento de novas tecnologias e formas diversas que acabam afastando cada vez mais a ciência das questões humanas, mas uma educação que se faça pela humanização, pela compreensão do outro. Destaca-se a seguir, alguns aspectos que definem o papel do professor como facilitador e mediador do processo contínuo de formação para a humanidade.

3. O PAPEL DO PROFESSOR DIANTE DO PROCESSO DE HUMANIZAÇÃO

Educar consiste em humanizar, tornar apto a conviver neste mundo cultural e que só se torna possível por meio da linguagem, da capacidade de simbolizar, aspecto que permite que nos entendamos uns com os outros. É devido à existência do outro que estabelecemos significados, são nossas construções simbólicas. Assim, segundo Savater,

a vida humana consiste em habitar um mundo no qual as coisas, além de serem o que são, também significam; o mais humano de tudo, porém, é compreender que, embora o que a realidade é não dependa de nós, o que a realidade significa é, sim, competência, problema e, em certa medida, opção nossa (SAVATER, 2012, p. 32-33).

Educar, como processo de civilização, consiste em combater a barbárie, característica natural a todas as espécies. A espécie humana é assim designada à medida que se afasta dessa condição natural, tornando-se apta a viver em

sociedade, momento em que é inserida no mundo cultural. Esta passagem, do mundo natural ao cultural, é um processo dolorido, que demanda muita dedicação da parte do responsável a fazer essa inserção no mundo cultural e do ser destinado a ser humanizado. É necessário autodisciplina para renunciar a seus instintos, não fazer apenas aquilo que lhe dá prazer imediato, mas desenvolver o que se chama de disciplina intelectual, abrir mão do prazer momentâneo para conseguir algo mais valioso no futuro. Tal ideia vai ao encontro do que Savater (2012) designa de *princípio de realidade*.

Esse princípio, como se sabe, implica a capacidade de restringir as próprias vontades tendo em vista as dos outros e adiar ou moderar a satisfação de alguns prazeres imediatos tendo em vista o cumprimento de objetivos recomendáveis a longo prazo (SAVATER, 2012, p. 63).

A disciplina é algo que deve ser anterior à cultura, pois o conhecimento é algo que vai sendo construído e aprendido ao longo da vida, caso haja disciplina e esta, por sua vez é mais difícil de ser corrigida, se não desenvolvida já no início do processo ainda com as crianças. Savater explica que,

antes de tudo, é preciso suscitar o princípio de realidade necessário para que eles aceitem submeter-se ao esforço do aprendizado, uma disciplina que é anterior ao próprio ensino mas que a escola deve administrar junto com os conteúdos secundários do ensino que tradicionalmente lhes são próprios (SAVATER, 2012, p. 70).

No sentido de viabilizar a disciplina intelectual dos alunos, é pertinente que os professores também façam seu exame de consciência, que consiste em ter claro o significado do que está se propondo a ensinar. Estar convencido disso contribui para que possa despertar nos alunos o interesse de fazer as renúncias necessárias no período do aprendizado, consciente do ganho que terá no futuro.

Dessa forma, é imprescindível que os professores pensem suas aulas e sejam autores de suas falas, não apenas repetidores de informa-

ções sobre as quais talvez nunca tenham pensado. É importante também saber fazer o filtro do que vai ser ensinado, daquilo que vai ser útil e acrescentar para uma formação mais ampla, uma vez que são mediadores de um processo constante e interminável. Com base nesse objetivo, é fundamental que a prática pedagógica não se faça desligada das questões sociais, para que assim possa contribuir para uma reflexão humana mais crítica e solidária.

A solidariedade pressupõe que as pessoas estejam mais vinculadas as outras, cientes de fazerem parte de uma espécie apenas e, que assim sendo, os problemas sejam trabalhados em conjunto por todos os que compartilham dessa casa comum. No entanto, o que se pode perceber é que “os medos, ansiedades e angústias contemporâneos são feitos para serem sofridos em solidão. Não se somam, não se acumulam numa ‘causa comum’, não têm endereço específico, e muito menos óbvio” (BAUMAN, 2001, p.170).

Buscar um mundo melhor, a possibilidade de uma vida boa não se conquista em perspectiva individual, mas que todos sejam conduzidos a cuidar em conjunto desse mundo que se espera comum, de uma cultura que se faça válida para todos. Assim, Savater afirma que “um princípio básico da vida boa é, como já vimos, tratar as pessoas como pessoas, ou seja, sermos capazes de nos colocar no lugar de nossos semelhantes e de relativizar nossos interesses para harmonizá-los com os deles” (SAVATER, 2004, p.163).

A espécie humana é a única que pode conhecer sua ignorância e por isto a única que pode melhorar, chegando à maioria em certos assuntos, conteúdos. É também exclusividade humana ter consciência daquilo que se sabe. Nas palavras de Freire (2014, p. 92), “sei que ignoro e sei que sei. Por isso tanto posso saber o que ainda não sei como posso saber melhor o que já sei. E saberei tão melhor e mais autenticamente quanto mais eficazmente construa minha autonomia em respeito à dos outros”. E esta atitude de procurar superar progressivamente a ignorância reflete no que será despertado nos alunos, uma vez que, “como professor não me é possível ajudar o educando a superar sua ignorância se não supero

permanentemente a minha” (FREIRE, 2014, p. 93).

Esta ideia suscita a necessidade de que os professores estejam sempre buscando superar aquilo que já aprenderam, os métodos que já utilizam na sua prática pedagógica, para assim poder esperar também dos alunos esta inquietação e insatisfação, vista como positiva, por carregar em si o desejo de melhorar e aprender sempre mais, tornando-se assim capazes de renovar constantemente os conhecimentos já construídos.

Em uma visão geral, é notável a necessidade de refletir sobre o papel do professor nessa empreitada de interminável completude da humanidade daqueles inseridos no processo de educação. Pensar a responsabilidade que o docente assume perante o mundo e a vida ao ingressar nessa função, que como já mencionado, está longe de ser mera transmissão de conhecimento, mesmo porque não há quem tenha posse definitiva dele. É algo que está em construção contínua e, assim, o professor apropria-se da tarefa de ser “a vinculação intersubjetiva com outras consciências” (SAVATER, 2012, p. 31).

Então, a postura do professor em sua ação pedagógica, o paradigma em que se sustenta para seu exercício e a amplitude do diálogo que estabelece em sala de aula é que serão grandes determinantes no resultado da formação que se vai ter. Se serão formadas pessoas para serem como fábricas, aquelas que produzem os conhecimentos, ou se apenas depósitos, onde o conhecimento ficará armazenado. O professor pertinente é considerado por acender no aluno o desejo pelo conhecimento, o tornando responsável pelo seu aprendizado, conforme Tedesco (2006, p. 49),

o objetivo básico da educação é conseguir que as pessoas aprendam a aprender. Dito em outros termos o estudante será cada vez mais responsável por sua própria aprendizagem e, por isso, deverá dominar as operações cognitivas fundamentais associadas a cada domínio do saber e desenvolver as atitudes básicas associadas à aprendizagem permanente: curiosidade, interesse, espírito crítico, criatividade, etc.

Assim, a educação se baseia na continuidade do mundo e, analisando assim fica legiti-

mada a dimensão da relevância da função docente para a continuidade do processo de saída do homem da sua natural. Bazzo (2014) considera que, estando mais preocupado com os resultados técnicos do ensino, aquele que se preocupa apenas com o “saber fazer”, desligado das questões humanas e sociais é como se tivesse adestrando os alunos a serem meros repetidores de fórmulas transmitidas.

Por mais presos que continuemos no ‘adestramento’ dos alunos, precisamos ter presente que a compreensão mútua entre os seres humanos, próximos ou estranhos, é daqui para frente vital para as relações humanas saírem de seu estado bárbaro de incompreensão e seja (re) construída uma sociedade mais saudável para todos, seguramente mais humana e mais solidária (BAZZO, 2014, p.28).

Assim também, afirma Bazzo que, “infelizmente continuamos em nossas salas de aulas dotando os alunos de grande dose de memorização e repetição de fórmulas, cálculos e técnicas, deixando a compreensão em segundo plano que provoca uma lacuna preocupante em suas formações” (BAZZO, 2014, p. 27-28). Esta lacuna identificada no processo de formação, quando se faz desligada das questões humanas, mostra que “o aumento da desigualdade, a polarização social, a exclusão. São os resultados de um sistema institucional que não se faz responsável pelo destino das pessoas” (TEDESCO, 2006, p.32). Dessa forma, considera-se que a formação estaria sendo feita sem assumir a responsabilidade pelo mundo comum, por não se preocupar com o futuro da humanidade. No entanto, o que se pode perceber é que

a incompreensão reina nas relações entre seres humanos. Ela atua nas famílias, no trabalho e na vida profissional, nas relações entre indivíduos, povos, religiões. É cotidiana, planetária, onipresente. Cria mal-entendidos, desencadeia os desprezos e os ódios, suscita as violências e sempre acompanha as guerras (MORIN, 2015, p.74).

Nota-se assim, a premência de uma educação que se faça voltada para a compressão

humana, que se perceba a importância de compreender e ser compreendido, para que se possa estabelecer relações saudáveis e solidárias entre os diferentes grupos sociais. Visto que

ao expandir a sua capacidade de compreensão sobre o mundo, os alunos poderão optar entre o jogo finito ou o infinito abordados anteriormente. Isso significa que os estudantes, os futuros profissionais do mundo do trabalho, podem escolher fazer parte do grupo da minoria inescrupulosa e trabalhar pelo enriquecimento de poucos, ajudando a gerar catástrofes, tumultos e políticas de repressão. Ou podem eger como alternativa contribuir para mudar o curso da história humana a favor de uma sociedade suficientemente equilibrada em termos de distribuição de renda e condições objetivas e concretas de vida (BAZZO, 2014, p.56).

Ao refletir sobre a formação para o desenvolvimento da compreensão humana, entende-se nitidamente que uma educação para tal não conseguirá se cumprir, caso seja trabalhada apenas no sentido instrumental da ação, sendo desvinculada das outras dimensões humanas. Assim, Morin (2015, p.36) destaca que “não há dúvida de que precisamos de racionalidade em nossas vidas. Mas temos necessidade de afetividade, ou seja, de laços, de plenitude, de alegria, de amor, de exaltação, de jogo, de Eu, de Nós”. Vale ainda destacar que a compreensão “nos exige compreender a nós mesmos, reconhecer nossas insuficiências, nossas carências, substituir a consciência suficiente pela consciência de nossa insuficiência” (MORIN, 2015, p.81).

O diferencial na ação educativa pode ser vista na maneira como o professor assume sua missão, nos paradigmas nos quais se sustenta para desenvolver sua prática pedagógica. Se por meio daquela visão linear e simplificadora, de resultados imediatos ou se busca desenvolver uma formação mais alargada e percepções amplas sobre a realidade, de forma que não excluam as dimensões humanas do processo, uma que vez que

percebemos que os indivíduos podem avançar na busca de uma sociedade mais justa, mais humana e mais igualitária se eles iniciarem o processo de formação tomando como ponto de partida o aperfei-

çoamento do humano, sendo eles próprios protagonistas da ação mediante o exercício de autoconhecimento (BAZZO, 2014, p.184).

Esta ideia supõe uma educação que se faça capaz de tornar os humanos mais humanos e que por assim serem, pensem na humanidade como conjunto, como um complexo que não pode se desligar, trata-se de uma educação regenerada.

Uma educação regenerada não poderia por si só mudar a sociedade. Mas poderia formar adultos mais capazes de enfrentar seus destinos, mais aptos a expandir seu viver, mais aptos para o conhecimento pertinente, mais aptos a compreender as complexidades humanas, históricas, sociais, planetárias, mais aptos a reconhecer os erros e ilusões no conhecimento, na decisão e na ação, mais aptos a enfrentar as incertezas, mais aptos para a aventura da vida (MORIN, 2015, p.68).

Apreendendo a importância da função que assume não apenas perante sua sala de aula, mas diante do mundo, enquanto constituição humana, da qual ele faz parte, o docente apropria-se do desejo de contribuir para a construção de um mundo melhor. Nesse sentido, pondera sobre que tipo de percepção espera que seus alunos tenham da realidade, do seu contexto e da humanidade. O ângulo de visão que o professor espera que seus alunos tenham depende da relação que se estabelece dos alunos com o conhecimento.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste debate, que assim como o conhecimento, não se dá por completo, mas que está em constante produção e reprodução, considera-se que pensar o lugar da educação e o papel do professor na constituição de um mundo comum, pressupõe a preocupação com a vida, com o planeta. Tal responsabilidade não apenas é em dimensão atual, com a geração com que dividimos nossa existência, mas presume pensar no mundo comum, aquele que permanecerá mesmo depois que não estivermos mais presentes.

Para o professor, questionar-se sobre

o real motivo para educar, fazer uma auto avaliação sobre o que ensina, sobre o que constrói junto com seus alunos é um ganho tanto para ele mesmo, quanto para aqueles com quem divide esse aprendizado. Uma vez que, sendo portador desse entendimento, nota-se que mais sentido será dado aos conhecimentos trabalhados, pois os envolvidos no processo conhecem os motivos para este aprendizado.

Este debate sinaliza também com urgência para as questões humanas que envolvem as afetivas, psicológicas, sociais e demais dimensões que estejam ligadas ao processo de formação, visto que quanto mais técnicos forem nossos métodos de ensino voltados apenas para a racionalidade instrumental, mais estaremos contribuindo para o afastamento da espécie humana e para falta de compressão que existe para com o *eu* e com os *outros*. Sendo assim, emerge a necessidade de que o ser humano conheça a si mesmo e que se reconheça como parte de um todo que é constituído em conjunto e que não pode ser concebido separadamente, sem o vínculo que lhe é natural.

Na posição de educadores, faz-se necessário este debate constante de percebermos qual o mundo que queremos construir, que pretendemos deixar para as novas gerações. Ponderar sobre este questionamento pressupõe repensar a maneira como o professor trabalha em sala de aula, bem como o paradigma em que sustenta seu método de ensino, pois são os modos de operar a razão que trarão os resultados finais que poderão dar novos rumos à vida. Isto considerando que a escola, a universidade, enfim, as instituições educacionais não conseguirão sozinhas mudar a realidade, mas podem melhor preparar os cidadãos que serão protagonistas dessas mudanças.

REFERÊNCIAS

ARENDDT, Hannah. **A crise na educação**. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAZZO, Walter A. **De técnico e de humano: questões contemporâneas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2015.

BRANDÃO, Carlos R. **A Educação como Cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SAVATER, Fernando. **Ética para meu filho**. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **O valor de educar**. 2. ed. – São Paulo: Planeta, 2012.

TEDESCO, Juan C. **Educar na sociedade do conhecimento**. Araraquara, São Paulo: Junqueira&Marin, 2006.